

Os anjos na literatura: alguns voos

Helena Neves*

Em todas as épocas, os anjos atravessam a literatura profana, numa relação de fascínio. Anjos celestes, anjos caídos, anjos de morte e símbolos e metáforas de anjos.

Na poesia épica medieval, como *La Chanson de Roland*, no século XI, os anjos recolhem a alma dos piedosos cavaleiros no momento da morte. Esvoaçam pelos Cantos da *Divina Comédia* (Cantos 28 a 32), em visões de Dante. Nem os iluministas escapam à sedução angélica. Voltaire, em *Zadig*, obra escrita em 1747, dá-nos Jesrad, um anjo da hierarquia das dominações, da região do fogo e do signo de Leão, revelando ao herói os desígnios providenciais. Mas é no século XIX, com o Romantismo, que a atracção pelos anjos se revela fatal. Anjos do desassossego. Impotentes porque guardam e resguardam cada vez menos o ser humano que se descobre solitário, «animal aflito» face a um Deus que, como escreve Carlyle, após o sétimo dia, se põe a descansar, olhando como espectador o mundo de fora.

Sobre anjos caídos por amor, escreveu Lamartine *La Chute d'un Ange*, em 1838, e Alfred de Vigny cria *Eloa*, «soeur des anges», nascida de uma lágrima de Cristo que cai sob o corpo morto de Lázaro, em 1824, representando Lúcifer como irresistivelmente sedutor. E surgem dominantes os anjos em revolta. Milton, em 1667, já traçara em *Paradise Lost* (*Paraíso Perdido*), uma parábola em que Satã se assume como o destruidor do paraíso, o criador da realidade mundana: «To me shall be the glory sole among/ The infernal Powers, in one day to have marred/ What be, Almighty styled, six nights and days/ Continued making, and who knows how long/ Before had been contriving?»¹ [somente a mim pertencerá a glória, / Entre os poderes infernais, de ter num dia apenas corrompido/ O que o Onnipotente, como lhe chamam, levou seis noites/ E seis dias a criar, e quem sabe

* Professora e investigadora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

quanto tempo,/ Previamente a meditar?]. A literatura francesa recolhe e multiplica estes símbolos subversivos como se, depois da primordial revolta nos céus, os anjos pudessem incendiar revoltas na terra. Victor Hugo em *La Fin de Satan*, um dos cantos de *La Légende des Siècles*, escrito em 1886, representa um Anjo da Liberdade criado de uma pena solta das asas de Satã. Baudelaire interpela o Anjo alheio à inquietação humana, no poema *Reversibilité*: «*ange, plein de gaité, connaissez-vous l'angoisse?/ la honte, les remords, les sanglots, les ennuis,/ Et les vagues terreurs de ces affreuses nuits/ Qui compriment le coeur comme un papier qu'on froisse?/ Ange plein de gaité, connaissez – vous l'angoisse?*»² [Anjo cheio de alegria/ conheces a angústia/ a vergonha, os remorsos, os soluços, o tédio/ e os vagos horrores dessas terríveis noites/ que oprimem o coração como um papel que se amachuca? Anjo pleno de alegria conheces a angústia ?] E é em Satã que ele encontra eco. É a Satã que apela em *Les Fleurs du Mal*: «*O toi, le plus savant et le plus beau des Anges/ Dieu trahi par le sort e privé de louange/ (...) O Prince de l'exil, à qui l'ont a fait tort,/ Et qui, vaincu, toujours te redresses plus fort/ O Satan prends pitié de ma longue misère*» [só tu, dos anjos o mais sábio e o mais belo / ó Príncipe do exílio, a quem dano causaram,/ Tu que, vencido, sempre mais audaz te ergues,/ tem piedade, ó Satã, desta minha miséria].³ É a Satã que Baudelaire dirige a oração «*Gloire et louange à toi, Satan, dans les hauteurs/ Du Ciel où tu régnes, et dans les profondeurs/ De l'Enfer, où vaincu, tu rêves en silence*» [Glória e louvores a ti, Satã, nas alturas/ Do céu, onde outrora reinaste, e nas profundas/ Do Inferno, onde vencido sonhas em silêncio!].⁴

Com Baudelaire esboça-se uma mitologia do mal, que a literatura fantástica vai desenvolver e cuja expressão incandescente se encontra em *Les Chants de Maldoror*, de Lautréamont. Maldonor não poupa os anjos ao seu contágio, à sua revolta: «Com seus músculos, ele estrangula o anjo, que já não pode respirar, e vira-lhe a cara, encostando-a ao seu odioso peito. Por um instante comove-se como destino que espera aquele ser celeste, que de bom grado teria feito seu amigo. Mas recorda-se que aquele é o enviado do Senhor e não pode mais sustentar a sua ira. Acabou-se: algo de terrível vai entrar na gaiola do tempo»⁵ o arcanjo salvador, o que vem em nome de Deus, metamorfoseado de caranguejo, é morto à paulada por Maldoror, que o que menos deseja é a paz com o Senhor, é o regresso ao tempo em que tinha o primeiro lugar entre os anjos. Um homem mata um anjo neste tempo, o tempo em que Nietzsche anuncia «*A morte de Deus*».

No século XX, os anjos ficam cada vez mais mudos e mais surdos. Mais alheios à função que lhes deu a existência. «Se eu gritar, quem poderá ouvir-me, nas hierarquias dos Anjos?» interroga Rilke na Primeira das *Elegias de Duíno*, escritas de 1912 a 1922. «Todo o Anjo é terrível. Por isso me contenho e engulo o apelo/ deste soluço obscuro. Ai de nós, mas quem nos poderá valer? Nem Anjos, nem

homens...»⁶. Eliot, em *Sobre os Anjos* e *The Wasteland*, apresenta-nos anjos testemunhas do apocalipse social, urbano, do mundo moderno.

Em 1929, Rafael Alberti publica um livro de poemas *Sobre los angeles*, pelo qual, angustiada, perdida, perpassa a «*nostalgia de los arcangeles*», o apelo ao despertar dos anjos, à sua voz: «*Angel muerto despierta/ Donde estás? Ilumina/ con tu rayo el retorno / Silencio. Más silencio.../ Inmóviles los pulsos/ del sinfin de la noche/ Paraíso Perdido/ Perdido por buscarte/ yo, sin luz, para siempre.*»

Os surrealistas favorecem mais a infiltração dos anjos nas obras literárias e artísticas: anjos fundamentalmente exterminadores, ou em queda, ou presos na própria angústia e frustração de poder. Apesar da decadência, espreitam ainda anjos da guarda em Claudel, na obra *Le Soulier de Satin*, em 1929. E aparecem, entre os homens, anjos disfarçados como se fossem eles: em Cocteau, um anjo, visitando-nos, mascara-se de vidreiro, em *Orphée*, em 1927. É triste, muito triste, o anjo de Paul Valéry, escritor que morre no fim da Segunda Guerra Mundial: «Uma espécie de anjo está sentado à beira de uma fonte. Olha-se e vê-se humano e em lágrimas... preso por uma tristeza infinita.» O que predomina, porém, através do século são anjos cada vez mais fatigados, mais distantes, como os de Walter Benjamin. Anjos da insónia como lhes chama Júlio Quesada. Anjos desesperados como o de Heiner Müller. Anjos metamorfoseando-se em humanos, intensificando a vontade de voo que nos habita desde Ícaro.

Na literatura portuguesa passam também anjos, mais intensamente a partir do século XIX. A poesia desvenda-se como a pátria dos anjos. Assim é com António Nobre, denominado anjo da Morte, a fazer passar pela obra metáforas de anjos: é um anjo a noiva purinha, são anjinhos as crianças, é um anjo Virgílio, que a namorada recorda, saudosa. Na prosa, o anjo das trevas vem assombrar O Monge de Herculano. O anjo da desgraça, segurando nas mãos uma grinalda de espinhos, e o anjo da paciência, com a urna das lágrimas, visitam Camilo em *Memórias do Cárcere*. Em Rebelo da Silva, anjos custódios assistem aos amorosos, em *A Casa dos Fantasmas*. Os surrealistas portugueses rendem-se também aos anjos: «uma das coisas boas que há para acreditar é na existência dos anjos», escreve António Pedro. Evocações, símbolos, metáforas de anjos passam na prosa de Guedes Amorim, de António Quadros, de José Fernandes Fafe. De Bernardo de Santareno ficou-nos *Os Anjos* e o *Sangue*.

Anjos do lar são imensos na literatura tradicional, moralista, conservadora. Anjos mulheres são sempre anjos do lar. Contrapondo-se desafiantes, as mulheres “caídas” ou fazendo cair os homens. Na literatura de cordel, os anjos enfrentam o demónio, visitam o Purgatório, cantam no Céu, andam pela Terra e até cantam o fado... Anjos tutelares, anjos rebeldes, vencidos, vingados, visíveis...

Na literatura infantil, mas não só para crianças, fulgurante é o belíssimo conto de Andersen *O Anjo e a Flor do Campo*.

Na escrita feminina há uma quase inevitabilidade de evocação, de presença de anjos. Por vezes, em aparições belíssimas. Elisabeth Barnet Browning procura aprovação do desalento, junto do seu anjo de guarda. Emily Dickinson diz-nos sobre a casa dos anjos «Quem não olhou o céu/aqui em baixo/Lá em cima/não o há-de encontrar/Que os anjos sempre alugam/casa ao lado/da que formos habitar». Na actualidade, a poetisa Ulla Hahn previne-nos «O amor não é um anjinho com asas/nem Cupido roliço a atirar dardos/O amor é um anjo exterminador/que a ira de Deus banuiu dos céus estrelados».

Também entre nós, a literatura feminina aparece como uma terra naturalmente acolhedora de anjos. Particularmente a poesia, pátria dos anjos. Duas mulheres cuja escrita surge povoada de anjos são Natália Correia e Teresa Horta. Em Natália, encontramos anjos barrocos, anjos de esquí, anjos lapidários, o Arcanjo de S. Miguel, os anjos que andam pelo mundo. «Creio nos anjos que andam pelo mundo,/ Creio na Deusa com olhos de diamantes,/ Creio em amores lunares com piano ao fundo,/ Creio nas ondas, nas fadas, nos atlantes/... Creio que o Amor tem asas de ouro. Ámen.»⁷, escreve em 1990. Teresa Horta publica, em 1983, um livro de poemas *Os Anjos*: «séculos e séculos/ de anjos/ a nadarem no ar/ com os pés descalços». Numa visão em que os anjos, «apenas/ com o corpo dos homens, se transformam no próprio símbolo do erotismo: anjos do apocalipse/ com a sua espada/ fulva...»⁸ anjos do amor, anjos do corpo, anjos da memória, mulheres anjo. Como se a sua escrita constituísse um território de atracção fatal dos anjos, novamente eles surgem numa das obras mais recentes de Teresa Horta *A Paixão segundo Constança H.*

À medida que os seres humanos se resignam com a sorte agreste da terra e consciencializam que o maior socorro depende deles próprios, os anjos transfiguram-se, na literatura e tomam rostos inconformistas, libertários, agentes de protagonismo social e político, cúmplices de subversão, agindo na História. É assim que Walter Benjamin, na confluência do marxismo e do messianismo judaico, associou o Anjo de Redenção e o Anjo de Revolução, em *O livro das Passagens* (1937-1940). A mesma possibilidade de redenção e revolução aparecerá já num belíssimo texto de 1921, em que Benjamin anuncia a publicação de uma revista *Angelus Novus*, título inspirado na gravura de Klee que o filósofo comprara no mesmo ano, e também no ensaio crítico sobre Karl Kraus em 1931, na nonagésima tese da obra fundamental *Sobre o Conceito de História*, e nos fragmentos autobiográficos *Agessilaus Santander*, de 1933. São textos vários, a que se acrescentam outros mais contemporâneos, partilhando o mesmo sentido: a efemeridade dos anjos, inquietantes e inquietos, anjos mudos de mensagens

divinas, às vezes incapazes de voar, «*inacabados e inábeis*», mas são os que restam e sobre eles recai a nossa esperança. São anjos do desespero, mas que aprendem o voo da revolta. Como o que nos anuncia Heiner Müller, em 1979: «Eu sou o anjo do desespero. Com as minhas mãos distribuo o êxtase, o adormecimento, o esquecimento, gozo e dor dos corpos. A minha fala é o silêncio, o meu canto o grito. Na sombra das minhas asas mora o terror. A minha esperança é o último sopro. A minha esperança é a primeira batalha. Eu sou a faca com que o morto abre o caixão. Eu sou aquele que há-de ser. O meu voo é a revolta, o meu céu o abismo de amanhã»⁹.

São estes os anjos que aguardamos.

Notas

- ¹ In Milton, *Gigantes da Literatura Universal*, Arnoldo Mondadori Editore, 1969 e Editorial Verbo, 1972, p. 71 (Tradução de Irene de Albuquerque).
- ² In *XIX Siecle, Collection Littéraire Lagarde & Michard*, Bordas, Paris, 1969, p. 440.
- ³ *Les Litanies de Satan* in Baudelaire, *Gigantes da Literatura Universal*, Arnoldo Mondadori Editore, 1969 e Editorial Verbo, 1972, p. 78 (Tradução de Fernanda Botelho).
- ⁴ *Prière* in op. cit. p. 80.
- ⁵ *Cantos de Maldoror*, Lautréamont, Ed. Fenda, Lisboa, 1988, p. 80 (Tradução de Pedro Tamen).
- ⁶ *As Elegias de Duino*, Rainer Maria Rilke, Ed. Assírio & Alvim, Lisboa, 1993, p. 29 (Tradução de Maria Teresa Dias Furtado).
- ⁷ *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Natália Correia/Círculo dos Leitores, Lisboa, 1993, p. 392.
- ⁸ *Ao Anjos*, Maria Teresa Horta, Litexa, Lisboa, 1983, p. 35.
- ⁹ *O Anjo do Desespero*, Heiner Müller, Ed. Relógio de Água, Lisboa, 1997, (Tradução e pós-fácio de João Barrento).